

PARA A HISTÓRIA DE 'A ÁGUIA' E DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»

Cumpria a um dos Escritores ilustres que deram à 'A Águia' e «Renascença Portuguesa» o melhor de seu entusiasmo a missão de arquivarem na História da Literatura nacional o que representaram dentro dela essas duas organizações culturais. E muitos houve que o podiam ter feito, com brilho e distinção.

Mortos, porém, alguns, desvairados outros com impulsos anti-nacionais e imbuídos vários deles de tendências inteiramente opostas às aspirações dominantes em 1912 — nunca se levanta qualquer discussão à volta de 'A Águia' ou «Renascença» que se não digam inexactidões de toda a espécie.

Por isso e porque é indispensável reivindicar para essas organizações o justo mérito que lhes cabe pelo muito que tentaram estabelecer e pelo bastante que conseguiram realizar, julgo de obrigação indeclinável dar a público todas as informações, documentos e notas que possam esclarecer o que foi esse movimento tão combatido pelos grupelhos aliteratados durante a sua vigência e tão deturpado depois que uma lamentável desorientação lhe suspendeu toda a actividade útil.

Há nesses documentos vaidades de tons múltiplos, despeitos de curioso feitio e algumas notas sensacionais, como seja um fantástico plágio conservado confidencial até que surja nestas páginas a prova reconhecida.

Há cartas várias que revelam a substância volúvel de que são feitos certos cérebros e outras que documentam a febre de mando que foi a razão principal da cisão com que se iniciou o esfacelamento da «Renascença».

E há, sobretudo, em todos os factos que se vão patentear uma demonstração insofismável: é que «Renascença» e 'A Águia' só tiveram influência e prestígio reais enquanto se conservaram à margem de quaisquer injunções de política partidária, não herdando igual prestígio e influência o grupo que delas se separou, exactamente porque caíu no erro político, com a preocupação, quase única, de se imiscuir nos negócios públicos.

Ao passo que a «Renascença Portuguesa», como adiante se verá, teve como fundamental preocupação construir e estimular, o grupo que a depauperou e se erigiu em mentor da política portuguesa só fomentou desordem e agitação, não chegando, no campo intelectual, a estabelecer um programa definido de realizações.

Houve na «Renascença» altos intuitos de cultura nacional, de revigoramento de qualidades próprias, de exaltação da Raça. Tudo se quis pôr de lado para fomentar uma perigosa corrente demagógica, que havia, fatalmente, de degenerar no internacionalismo que tantas perturbações tem causado em toda a parte onde se infiltrou.

Amputou-se nessa altura uma obra que tinha bases para se tornar grande e gloriosa, mas nem por isso se poderá apagar o que fez até então.

I

Quando em 1 de Dezembro de 1910, fundei a revista 'A Águia', movia-me o desejo de constituir um modesto núcleo de idealistas que pusessem sua inteligência e suas energias ao serviço dum novo Portugal. A tentativa

excedeu todas as previsões e, depois de terem passado pelas páginas da minha revista alguns dos valores mais representativos do Espírito português, formou-se em 1912 a «Renascença Portuguesa», sociedade de cultura e pensamento que foi tão guerreada pela perfídia dos corrilhos de café e portas de livraria, mas que produziu uma obra editorial e de educação, que nenhuma outra entidade semelhante jamais realizou em nossa terra.

'A Águia' continuou congregando os escritores e artistas mais ilustres até 1921 ⁽¹⁾, data em que se produziu dentro da «Renascença» a crise de orientação, que havia de produzir em seu meio as mais graves dissensões. Formou-se então em Lisboa a «Seara Nova», com alguns dos melhores elementos da «Renascença» e esta, sem forças claras que a dirigissem, resvalou pouco a pouco na inutilidade, tornando-se 'A Águia' um espelho vivo dessa decadência.

Durante o período em que administrei a Sociedade «Renascença Portuguesa», ou seja desde a sua fundação até 1921, surgiram várias tentativas de mudança orientadora, com esplêndidas miragens. Pareceram-me sempre de resultados perigosos e contrários à essência da nossa organização e apenas concordei em que se mudasse para Lisboa o centro das actividades da «Renascença» afim de lhes alargar o âmbito, fazendo-se para isso um importante empréstimo, o primeiro a que a Sociedade recorria, pois em 9 anos de existência, com 118 fascículos de 'A Águia', algumas centenas de edições, sede bem instalada, cinco Universidades Populares funcionando e despesas várias de conferências, concertos e exposições — nunca recorreu a capital estrangeira, nunca aceitou uma única letra de empréstimo feito! E também não recebeu jamais de qualquer benemérito ou Mecenas endinheirado o menor donativo ou subsídio (*).

Nessa altura, a efervescência demagógica recrudesceu com os sintomas mais alarmantes, nada era seguro em terra dominada pelo terror e pela incompetência e, após a adesão do organismo de cultura oficial onde trabalhava ⁽²⁾ a uma greve promovida pela C. G. dos Trabalhadores, saí de Portugal, crente de que poderia continuar no Brasil a obra da «Renascença Portuguesa», aqui entregue a pessoas de talentos e méritos muito superiores ao que em mim pudesse existir de vontade firme e acção coordenadora.

Uma vez no Brasil, logo comecei a perceber que o vírus terrível tinha dominado a melhor parte do País e que a «Renascença» perigava. Fiz todos os esforços para demonstrar que a cisão seria o aniquilamento da Sociedade existente sem garantia alguma de êxito para o novo grupo. Mas, não era possível lutar, nem de longe nem de perto, contra a avalanche

(1) Eu tinha saído de Portugal em Março de 1920, depreendendo-se de várias cartas dos principais elementos em luta que foi a minha ausência que provocou a lamentável cisão.

(*) Apenas durante alguns anos a Câmara Municipal do Porto conferiu um subsídio anual à Universidade Popular que, com extraordinário êxito, a «Renascença» manteve na Capital do Norte. Contra esse auxílio ergueram-se desesperadamente alguns vereadores socialistas (porque a «Renascença» tinha uma tipografia) e um vereador livreiro (porque a «Renascença» editava livros). Como o subsídio era mais um apoio moral do que forte apoio material, em face de tanta celeuma, a «Renascença» deixou de requerer o subsídio, que se destinava apenas a cobrir uma pequena parte das despesas com a Universidade Popular do Porto.

(2) Biblioteca Nacional.

da dissolução, que tudo abrangia e que havia de levar a Nação à última das degradações. Uns após outros, chegavam-me ao Rio brados de lancinante amargura. Estão no meu arquivo as cartas a que pertencem os trechos seguintes:

«Estou farto disto até aos olhos. Indo para aí trabalhar, deixo aqui as minhas estrelas de general e portanto não faço dificuldades quanto à espécie do lugar».

(Do General que em 1926 dirigiu a Revolução Nacional)

«Como o invejo, meu amigo! Por mais doloroso que pareça, no momento que passa é mil vezes preferível o doce exílio do Brasil à permanência da Pátria».

(Dum grande Artista)

«A literaturazinha nacional cada vez mais trôpega, de resto como tudo. Isto tornou-se um inferno. V. é feliz em estar longe. A única solução dum homem honesto e digno é fugir».

(Dum eminente Escritor)

A cisão fez-se, os elementos mais prestigiosos mergulharam na agitação demolidora adversa a todas as actividades criadoras e, pela primeira vez, neste Século, teve retumbante êxito a frase do «Tanto pior melhor». Tanto se degradou a vida pública, tanto se indignaram as almas menos sensíveis que um grande movimento purificador suspendeu a queda no abismo e operou o milagre do renascimento. Seria ocasião de retomar o antigo plano de criar um novo Estado — o *Estado artista*, preconizado pelo Visconde de Vila-Moura, se os principais elementos se não tivessem dispersado ou desaparecido, sem que outros tivessem já significado desejo de os substituir.

II

Sobre a «Águia» publiquei em 1935 a seguinte notícia ⁽³⁾:

Fez ante-ontem 25 anos que publiquei o 1.º número da 1.ª série da revista 'A Águia'. Foi logo a seguir à proclamação da República, que desde suas primeiras horas revelou ter sido apenas um movimento essencialmente político, destinado a substituir umas por outras clientelas.

A minha geração era a da greve académica, a do 28 de Janeiro — e as nossas aspirações iam para mais alto. Queríamos, sobretudo, que se promovesse a cultura do Povo Português.

Nessa primeira série, que abrangeu o resto de 1910 e parte de 1911, passaram pela 'Águia' alguns dos mais ilustres artistas e homens de letras do tempo. Já morreram Manuel Laranjeira, Sampaio Bruno, A. A. Cortesão, António Carneiro, Correia Dias, João Augusto Ribeiro, Manuel de Sousa Pinto, Manuel da Silva Gaio e António Patrício, mas continuam enriquecendo o património espiritual da nação muitos outros que à revista deram o brilho do seu talento, como Leonardo Coimbra, Jaime Corte-

⁽³⁾ «Diário de Lisboa», 3-XII-35.

são, Afonso Duarte, Teixeira de Pascoais, Augusto Casimiro, Januário Leite, Veiga Simões, António Correia de Oliveira, João de Deus Ramos, Joaquim Manso, João de Barros, Aarão de Lacerda, Mário Beirão, Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo, João Correia de Oliveira, Artur Ribeiro Lopes, Cardoso Marta e Carlos Parreira; Luís Felipe, Cristiano Cruz, Cervantes de Haro e Cristiano de Carvalho.

A revista interessou o escol português e, por isso, resolveram os mais entusiastas dilatar a influência que já se estava sentindo.

Em 27 de Agosto de 1911, realizou-se em Coimbra a primeira reunião preparatória duma nova organização que realizasse os intuitos dos que se tinham decidido a levar por diante o sonho de cada um.

Em 17 de Setembro, realizou-se a segunda reunião em Lisboa e foram aí escolhidos os *comités* de Lisboa, Porto e Coimbra, o nome da Sociedade e de seu órgão, e a data do início dos trabalhos de educação e cultura.

Pensou-se em classificar a nova Sociedade de «Renascença Lusitana». Insisti por que se chamasse «Renascença Portuguesa» e assim ficou sendo. Queriam alguns que se desse à revista o nome de «Renascença». Defendi o nome de «*A Águia*», já porque dela é que tinha partido o movimento, já porque esse nome era um símbolo nada para desprezar, e foi esse o nome que ficou.

Saíu o 1.º número da nova série em Janeiro de 1912 com colaboração de Teixeira de Pascoais, Mário Beirão, Visconde de Vila-Moura, António Correia de Oliveira, Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Afonso Lopes Vieira, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, João de Deus Ramos, Augusto Martins, Joaquim Manso, António Sérgio, António Carneiro, Correia Dias, Cervantes de Haro, Luís Felipe e Leal da Câmara, esgotando-se em poucos dias.

Começaram logo as edições da «Renascença», as conferências, os cursos das diferentes Universidades Populares, os concertos e exposições, tudo, enfim, que se inscreveu no estatuto da nova Sociedade.

E durante quase dez anos não houve escritor ou artista de mérito que não fossem solicitados pel'«*A Águia*» e pela «Renascença» para lhes reservarem suas produções.

Foi a «Renascença» muito discutida em inquéritos e polémicas de jornal. A tudo respondeu «*A Águia*» com abundância de realizações. Algumas impertinências mais acesas foram comentadas na «*Vida Portuguesa*», segundo órgão da «Renascença».

Houve algumas tentativas de absorção da «Renascença» pela política partidária. A todas me opus, com êxito, fiel sempre ao princípio irreductível de que a nossa agremiação, para ser vitoriosa e respeitada, tinha de cumprir seu programa de educação e cultura fora de todas as ingerências políticas, de qualquer espécie ou feitio.

Seguindo para o Brasil em 1920, ainda pude administrar «*A Águia*» e a «Renascença» até 1921. Mas os mais representativos elementos que ficaram em Lisboa e Porto não se entenderam e promoveram a cisão, donde resultou a «Seara Nova».

Previ desde logo o predomínio da acção política directa na nova sociedade. Enfraqueceu-se a «Renascença» e surgiu outro organismo, exactamente com a finalidade que considere sempre inçada dos maiores perigos. Nada tenho a ver com os resultados ou com os frutos da orientação seguida. Foram bons, foram maus?

Como quer que seja, a verdade é que não se podem mais apagar da História da Literatura Portuguesa os passos marcados pel' 'A Águia' e pela «Renascença». Ficaram, e melhor se hão-de apreciar quando olhos mais serenos e insuspeitos possam daqui a outros 25 anos olhar a acção de 1910-1921 nas suas relações com o que existiu antes e o que veio depois.

Um quarto de século! Quase meia vida passada! Como é perturbadora a recordação desses tempos idos e como eu desejava que se recommençasse a obra de cultura e educação em que tanto se empenharam os camaradas de 1910.

Daqui envio as minhas saudações aos vivos que participaram do sonho realizado e aqui deixo a mais comovida e respeitosa homenagem aos mortos que tanto estimaram 'A Águia' e «Renascença» e cujos nomes, juntos aos que já mencionei, me cumpre venerar: António Arroio, José Malhoa, Teófilo Braga, Visconde de Vila Moura, Teixeira Rego, Raúl Brandão, Aurélio da Costa Ferreira, Luciano Pereira da Silva, Columbano, Anselmo Braamcamp Freire, Alberto Pimentel, Coelho de Carvalho, Gomes Leal e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

P. S. — Depois de escritas estas linhas, soube da morte de Fernando Pessoa, o escritor ousado que no n.º 4 d' 'A Águia' (2.ª série), Abril de 1912, começou a publicação de seus artigos sobre «A Nova Poesia Portuguesa», prognosticando o advento dum supra-Camões. Em momento oportuno, darei a lume as muitas cartas que dele tenho sobre seus artigos, que tanta agitação causaram no meio intelectual português do tempo. Agora, devo apenas estender à memória de Fernando Pessoa a homenagem do meu respeito. — A. P.

2.º P. S. — Até à data desta reimpressão, 1 de Maio de 1948, perderam-se mais os seguintes ilustres colaboradores: Leonardo Coimbra, Aarão de Lacerda, Afonso Lopes Vieira e Cristiano de Carvalho. — A. P.

III

Quis-se chamar «Renascença Lusitana» à nova Sociedade, tendo chegado Teixeira de Pascoais a redigir o seguinte manifesto «Ao Povo Português»:

«Estas palavras que dirigimos ao Povo Português têm por fim revelar-lhe qual será a obra patriótica de «A Renascença Lusitana», — obra em que devem colaborar todos os homens de boa vontade.

«A Renascença Lusitana» é uma associação de indivíduos cheios de esperança e fé na nossa Raça, na sua originalidade profunda, no seu poder criador duma nova civilização. *Esta fé e esta esperança* não resultam duma ilusão patriótica, mas do conhecimento verdadeiro da alma lusitana, a qual, devido a influências estrangeiras de natureza política, artística, literária e sobretudo religiosa, se tem adulterado nos últimos séculos da nossa História, perdendo o seu carácter, a sua fisionomia original e, portanto, as suas forças criadoras e progressivas.

O fim de «A Renascença Lusitana» é combater as influências contrárias ao nosso carácter étnico, inimigas da nossa autonomia espiritual, e provocar, por todos os meios de que se serve a inteligência humana, o aparecimento de novas forças morais orientadoras e educadoras do povo, *que sejam essencialmente lusitanas*, para que a alma desta bela Raça ressurgja com as qualidades que lhe pertencem por nascimento, as quais, na Idade Média, lhe revelaram os segredos dos mares, de novas constela-

ções e novas terras, e, de futuro, lhe deverão desvendar os mistérios duma nova vida social mas perfeita.

Logo que a alma portuguesa se encontre a si própria, reaverá as antigas energias e realizará a sua civilização.

Sonho belo, mas quimérico? Não! Descubrem-se já na alma da nossa Raça alvoroçantes sintomas de renascença. O seu esforço de 5 de Outubro foi o despontar da sua heroicidade que dir-se-ia morta para sempre; foi um *signal* de abnegação; houve vidas sacrificadas à Vida.

A sombra de Nun'Álvares saiu do túmulo e vagueou nas ruas de Lisboa; sulcaram o Tejo fantasmas de caravelas em demanda da Índia Ideal, essa Índia que fica em pleno mar do nosso sonho. A Lira de Camões, que repousava no fundo do Oceano, estremeceu, subiu à superfície das ondas, e ei-la nas mãos dos Ventos que se desencadeiam! E os nossos Lusíadas, ainda por encarnar, palpitantes e alados, pairam já no céu que nos cobre de esperança. E a figura montanhosa de Viriato surgiu sobre os altos cumes dos Hermínios. É o Viriato do futuro, angelizado, espiritualizado, libertado pelo Amor. Beatriz do Povo, tentando as asas para as alturas límpidas da Vida...

Admiráveis preságios! Já brilha a estrela da nova Manhã! Chegou, na verdade, o momento divino de todos os bons portugueses colaborarem na grande obra da nossa Renascença! O *morto* estremeceu, ao sentir o primeiro hálito de vida. Abramos-lhe a tampa do sepulcro! Eis a nossa obra, a obra do nosso amor e da nossa fé.

Este apêlo que fazemos aos portugueses, por isso mesmo que nos sai da alma, há-de ser ouvido. E «A Renascença Lusitana», neste instante em que apresenta ao povo a sagrada ideia que a alma, espera firmemente que se reunam em volta dela todas as almas esperançosas que sentem em si o germinar duma nova vida, o acordar dum novo alento criador de beleza, de justiça e de bondade, os três elementos constitutivos duma verdadeira civilização.

Não se exige que se seja artista ou poeta ou sábio para trabalhar nesta obra; tal coisa seria dum exclusivismo ridículo. Todo aquele que acreditar no renascimento lusitano, todo aquele que nos trazer um clarão de esperança, será recebido de braços abertos como leal e firme camarada».

Este manifesto não foi distribuído, já porque se resolveu chamar «Renascença Portuguesa» e não «Renascença Lusitana» ao movimento projectado, já porque venceu a opinião de que não se devia começar como qualquer igreja de política partidária lançando aos quatro ventos da Fama um manifesto retórico e campanudo como todos os manifestos.

IV

Antes de referir-me à correspondência que convém publicar para elucidação dum período deveras interessante, desejo reproduzir duas cartas publicadas em 1935 e 1936 sobre inexactidões emitidas a propósito da «Renascença». A primeira foi a respeito duma entrevista de António Sérgio publicada no '*Diário de Lisboa*'.

Sr. director do 'Diário de Lisboa': — Pouco antes de sair do Rio

de Janeiro, um brasileiro ilustre, que estimou sinceramente a obra da «Renascença Portuguesa» desde a sua fundação, mostrou-me as palavras com que o Sr. António Sérgio se referiu a esta Sociedade na resposta a um inquérito do seu jornal.

Chegado a Lisboa, sinto-me na obrigação de esclarecer o assunto.

Disse o Sr. António Sérgio, referindo-se à «Renascença Portuguesa»:

«— Foi coisa efémera, porque surgiu nela, logo de início, a pretensão a igreja literária, com a ingénua dogmática do *saudosismo*, e porque desprezou a vertebralidade. Os que não acatámos aquela dogmática desprendemo-nos logo da «Renascença», e formámos mais tarde a «Seara Nova», depois da tentativa da «Pela Grei».

Há nas palavras reproduzidas, a par duma grande injustiça, equívocos lamentáveis.

Fundada 'A Águia' em 1910, a seguir à proclamação da República, com intuítos essencialmente educadores, sentiu-se logo a necessidade dum organismo mais completo e eficaz que pudesse congregar os elementos representativos da inteligência portuguesa e estimulasse os novos valores. Surgiu a «Renascença» em 1912, para promover a maior cultura do povo português por meio do livro, da revista, da conferência, da exposição e da Universidade Popular. Todos sabem — os que não perderam a memória ou não fizeram por perdê-la—que a «Renascença» cumpriu seu programa, com persistência e denodo, até 1922. E o Sr. António Sérgio foi um dos mais valorosos elementos que trabalhou dentro dela, desde 'A Águia' até à cisão e formação da «Seara», quando estávamos juntos no Rio de Janeiro.

Não foi efémera a obra que manteve uma revista tantos anos, que publicou perto de 300 volumes, que realizou dezenas de conferências e algumas exposições e que fundou cinco Universidades Populares.

Nem pode tratar-se com fugitivo desdém uma Sociedade que, inteiramente alheia à intriga política que várias vezes tentou absorvê-la, teve um único programa claro e insofismável: promover o reerguimento cultural da Nação Portuguesa, que a demagogia dos anos anteriores andava já abastardando.

A «Renascença» procurou e acolheu todos os bons portugueses que quiseram auxiliar sua obra e pagou mesmo com desvelos carinhosos algumas pedradas que recebeu. Gomes Leal esteve três anos a coberto da miséria, por iniciativa da «Renascença». Basílio Teles e a família de Soares dos Reis tiveram também na «Renascença» apoios apreciáveis.

A «Renascença» procurou os reais valores onde eles existiam e trouxe-os para o campo da discussão. A velhos e a novos.

Raúl Brandão estava fechado na sua obra antiga, que ninguém comprava. A «Renascença» estimulou-o e ele apareceu com grandes livros. Teixeira de Pascoais, um dos maiores poetas da Língua Portuguesa, teve na «Renascença» seu período mais brilhante. Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra fulgiram a toda a altura dos seus talentos. E na «Renascença» surgiram revelações as mais diversas, como Virgílio Correia na Etnografia, Mário Beirão na Poesia e Carlos Selvagem no Teatro.

Foi na «Renascença» que Ezequiel de Campos ventilou sábios problemas económicos e no período da guerra as obras mais vividas e austeras foram as de Gomes da Costa, Augusto Casimiro, Pina de Moraes e Alexandre Malheiro, pela «Renascença» publicadas.

Abrangendo os mais largos horizontes, sempre dentro do seu programa irrevogável de cultura e organização, a «Renascença» solicitou os poetas e prosadores de todas as gerações vivas desde João Penha e João Saraiva a Mota Guedes e Afonso Duarte, de Teófilo Braga e Leite de Vasconcelos a Carlos Parreira e Oldemiro César. Não odiou nem repeliu. E por isso mesmo a apoiaram Carolina Michaëlis, Edgar Prestage, Lebesgue, Rovira, Alberto Pimentel, Coelho de Carvalho, José Caldas, António Baião, Alfredo Varela, Visconde de Carnaxide. E por isso mesmo entraram em seu catálogo magníficas obras de Afonso Lopes Vieira, Correia de Oliveira, Vila-Moura, D. João de Castro, António Arroio, Teixeira Rego, Simões de Castro, Adelino Mendes e de muitos mais.

Não foi efémera nem pretendeu jamais reduzir-se a uma insignificante igreja literária a obra da «Renascença». A ingénua dogmática do «saudosismo», a que o Sr. António Sérgio quis reduzir a «Renascença», não foi nem princípio de programa, nem meio, nem fim. E tanta liberdade teve Teixeira de Pascoais para apresentar e exaltar o «saudosismo», como o Sr. António Sérgio para o atacar em todos os tons, como Fernando Pessoa para vaticinar o advento dum supra-Camões, Vila-Moura para defender o Estado artista, ou Teixeira Rego e Afonso Cordeiro para exporem as doutrinas que quizeram sobre sacrifícios, ritos, climas e Línguas.

Posso até afirmar que foi o Sr. António Sérgio quem teve dentro da «Renascença» mais ampla liberdade de fazer tudo quanto quis e desejou. O próprio Sr. Teixeira de Pascoais deixou a direcção d'«*Águia*» em 5 de Janeiro de 1917, continuando o Sr. Sérgio dentro dela até 1921, quer dizer — sobrevivendo alguns anos àquela ingénua dogmática, que diz tê-lo feito desprender logo da «Renascença».

O Sr. António Sérgio confundiu datas e factos para acusar de falta de vertebralidade um grémio, que ele exaltou calorosamente de 1910 a 1921, acompanhando com verdadeiro interesse todos os meus esforços para que se não produzisse a cisão dentro da «Renascença» de que surgiu a «Seara Nova».

Consumada, porém, a cisão, ainda eu e o Sr. António Sérgio, a este tempo associados no Rio de Janeiro em outra obra de Cultura que seria a continuação da «Renascença», estabelecemos com a nova sociedade um acordo de que resultou saírem algumas obras com os nomes de Anuário do Brasil — Seara Nova — Renascença Portuguesa. A «*Pela Grei*» foi uma tentativa do Sr. A. Sérgio, anterior à sua ida para o Brasil, em 1919, e quando estava intimamente ligado à «Renascença».

Não atingiu a «Renascença» o esplendor que seus dirigentes lhe desejaram. E contribuiu para isso, sobretudo, a dissolução política que se acentuou tristemente a partir de 1919. Mas deixou uma obra, que ninguém de boa fé pode amesquinhar.

Não criou sistemas filosóficos ou sociais? Não formou escolas literárias?

Mas seria estultícia sem nome inscrever em qualquer programa a criação deste sistema ou daquela escola, visto como as escolas e os sistemas surgem sempre de forma imprevista. A «Renascença» procurou ligar inteligências e vontades e realizar tudo o que podia realizar, criando as secções necessárias para a execução do seu programa, dentro duma vertebralidade, que nem a política nem as paixões partidárias nem a sede de governo conseguiram inquinar.

Ideias novas, princípios transcendentos — não surgem das sociedades, mas sim das pessoas.

Que surgiu dos «Vencidos da Vida»? — O génio duns, o talento doutros, a inutilidade dalguns.

Estiveram dentro da «Renascença» as mentalidades mais diversas. Quem impediu os Srs. Teixeira de Pascoais, António Sérgio e Visconde de Vila-Moura de serem o que souberam e quiseram ser?

Da mesma forma, quem poderá impedir hoje Antero de Figueiredo, Ferreira de Castro, Alfredo Pimenta, Virgínia Vitorino, por exemplo, de exercerem influências literárias, só porque não estão dentro de grupos organizados?

O Sr. António Sérgio foi inexacto e injusto com a «Renascença» que, apesar de esfacelada há muito, ainda hoje contribui com cem (100) obras para as 240 que são anunciadas no catálogo da «Seara Nova»...

Como fundador d'«A Águia», em 1 de Dezembro de 1910, e administrador da «Renascença», até 1921, lamento profundamente que seja tão frágil a memória dos homens.

Lisboa, 19 de Junho de 1935.



A esta carta, respondeu António Sérgio com o seguinte:

Por acaso não comprei o 'Diário de Lisboa' no último sábado e Álvaro Pinto teve a péssima inspiração de mo não enviar. Só hoje, por isso, vi a sua «resposta» à minha entrevista na parte relativa à «Renascença Portuguesa».

Todo o bem que ele diz da «Renascença» é verdadeiríssimo e justíssimo, e menos ainda que o verdadeiro e o justo; e se eu disse outras coisas na entrevista, foi porque o assunto, na entrevista, eram *doutrinas* — o que me obrigou a falar da «Renascença», não como organização cultural e editora, mas sim como pretensão, que nela surgiu, a improvisar de início uma *doutrina* (Pascoais, com efeito, apresentou o «saudosismo», não como doutrina sua, mas como doutrina da «Renascença»).

Foi essa *doutrina* que eu classifiquei de efémera, de coisa falha de vertebralidade; foi dessa *doutrina* que me separei e não da organização editora da «Renascença Portuguesa», pela qual me interessei, pelo contrário, muitíssimo, como o próprio Álvaro Pinto o testemunha.

Álvaro Pinto, sob esse ponto de vista da organização, poderia ter ido mais longe ainda. Com efeito, não foram só os autores que ele cita os que a «Renascença» editou e divulgou: foram, outrossim, as minhas próprias obras de pedagogia, a minha própria campanha de renovação cultural. Se, considerada a «Renascença Portuguesa» como organização editorial, a minha memória fosse tão frágil como Álvaro Pinto nos veio dizer, seria eu ingrátíssimo, evidentemente, como seria ingrátíssima a «Renascença» se esquecesse o entusiasmo com que eu a servi. E, se acaso agora Álvaro Pinto, regressado de fresco, desses Brasis, pretende remontar no seu rocinante e repetir a quixotada da «Renascença», eu acorrerei no jumentinho de Sancho, como outrora, ao menos para o aplaudir.

Com enorme prazer, por consequência, confirmo e reforço os elogios todos que ele faz à obra da «Renascença» olhada do ponto de vista em

que ele a tomou — o qual difere absolutissimamente, pela natureza das coisas, daquele em que eu tinha de me colocar na entrevista.

Considerada, pois, não como tentativa de doutrina comum (como eu a encarei) mas como organismo de edições e conferências de divulgação de escritores de variada índole, de assistência e incentivo à actividade da escrita — a «Renascença» constituiu, no seu género, a iniciativa mais relevante da nossa terra. E, para obedecer ao meu gosto da justiça pura, objectiva, alta, alheia a ridículos personalismos, acrescentarei uma observação: e é que essa parte admirável da obra da «Renascença» foi quase exclusivamente de Álvaro Pinto — e que a ele, por consequência, é que cabe na «Renascença» toda a glória. Como doutrina, a «Renascença» quase não existiu; como organização realizada por Álvaro Pinto, existiu e foi formidável. Ora aí está: não se pode falar de uma maneira mais clara, nem mais enfática.

Sòmente num ponto Álvaro Pinto errou: mas aí, verdade seja, errou em cheio e lamentavelmente. Foi no tom que deu à sua resposta, do qual se infere que não percebeu que eu fora levado, na minha entrevista, a falar da «Renascença» como doutrina; e, sobretudo, que supôs existirem da minha parte facinorosos intuitos contra ela. Aliás, de boa vontade lhe relevo tal erro, que me ocasionou o prazer de tracejar estas linhas. É que, depois da delícia de compreender, não há outra tão grande como a de sermos justos — sobretudo com aqueles que o não são connosco. Que o sorriso de Palas, portanto, o ilumine e alegre para a próxima vez, e lhe dê o bom humor e a despaixão, a largueza de ânimo e o impessoalismo, que eu tanto quisera que me caracterizassem a mim.

E como há quem saiba, entre os nossos leitores, que Álvaro Pinto é meu amigo, declaro que as minhas palavras na entrevista, o mal-entendido de Álvaro Pinto, e o reclame com que lhe retruco — não resultaram de uma combinação entre nós: *Honny soit qui mal y pense.* — António Sérgio.

Era indispensável esclarecer a resposta dada ao inquérito, visto que aí se tinha dito:

«Foi coisa efémera, porque surgiu nela, logo de início, a pretensão a igreja literária, com a ingénua dogmática do *saudosismo*, e porque desprezou a vertebralidade».

Analisando o que está escrito, quem foi coisa efémera e desprezou a vertebralidade foi a «Renascença». António Sérgio veio depois rectificar que se queria referir ao Saudosismo e não à «Renascença».

Nunca o «Saudosismo» constituiu dogma da «Renascença», que teve como único programa a maior Cultura do povo português.



A outra carta foi provocada pela seguinte nota inserta no 'Diabo', de 27-XII-36:

J. S., *Funchal*. — Eis como nasceu a discussão de António Sérgio com Teixeira de Pascoais, a propósito do «Saudosismo» deste último, no segundo semestre de 1913, e no primeiro de 1914, na revista 'A Águia'.

Para lhe perceber o significado, é preciso não esquecer que o que António Sérgio combateu, nessa e em outras discussões, foram muito menos determinadas ideias ou pseudo-ideias do que a forma de mentalidade (que ele considera retórica, deliquescente, charlatanesca, passadista, sem verdadeiro pensamento e sem vertebralidade de inteligência) donde essas pseudo-ideias ou pseudo-concepções provinham. Quando alguns escritores, que tinham por sede, por assim dizer, dos seus trabalhos, a cidade do Porto, ou que ali residiam, como Teixeira de Pascoais, Jaime Cortesão, Vila-Moura, Augusto Casimiro, Leonardo Coimbra, Álvaro Pinto, etc., depois do êxito da primeira série de 'A Águia' resolveram fundar a «Renascença Portuguesa» e iniciar a segunda série da mesma revista, — convidaram a juntar-se-lhes vários escritores que então residiam em Lisboa, como Raúl Proença, João de Barros, Câmara Reis, José de Magalhães, João de Deus Ramos, Fernandes Lopes, António Sérgio, Joaquim Manso e outros. Passou-se isto por 1911. Ora quando apareceu o primeiro número da nova série 'A Águia', órgão da sociedade ou grupo de escritores intitulado «Renascença Portuguesa», notou-se que o abria um artigo de Teixeira de Pascoais em que o «Saudosismo» deste era apresentado como crença filosófica *de todo o grupo*. Raúl Proença e António Sérgio protestaram imediatamente, alegando que Teixeira de Pascoais tinha pleno direito de expor e defender em 'A Águia' o «Saudosismo» como doutrina sua, mas não como profissão de fé da «Renascença Portuguesa», a não ser que eles dois (Proença e Sérgio) se afastassem da sociedade; e, como em 'A Águia' se não esclarecia este ponto, e se continuava a falar do «Saudosismo» como de doutrina comum de todo o grupo, — os dois afastaram-se, com efeito, daquela sociedade. Esta situação, porém, não agradava a muitos dos membros da «Renascença», que eram amigos de Raúl Proença e de António Sérgio, e por isso foram estes convidados a reentrar para o grupo, com o direito de manifestarem em 'A Águia' a sua discordância na questão do «Saudosismo». Respondendo então a este convite, António Sérgio publicou na revista um artigo em que mostrou que a palavra «saudade» não era exclusiva da Língua Portuguesa, como costumava afirmar-se, o que destruía o próprio ponto de partida da fantasmagoria saudosista, apresentada como filosofia inata, exclusiva e rática do Povo Português, suposto único possuidor do sentimento da saudade e da palavra para o designar. Pascoais respondeu, e de aí a discussão entre os dois, que António Sérgio sustentou em tom amável e humorístico, porque não tomava a sério o «Saudosismo». Os artigos deste que se sucederam ao primeiro foram três: *Regeneração e tradição, moral e económica* (escrito no Rio de Janeiro em fins de 1913); *Despedida de Julieta* (escrito em Nice, com a data de 14 de Março de 1914); *Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada de um relâmpago* (escrito em Genebra, e com a data de 27 de Maio de 1914). A certa altura, Pascoais classificou de materialistas as preocupações sociais-económicas de António Sérgio, o qual lhe retrucou por esta forma: «Passemos à materialidade com que me emblema... O meu amigo pretende primeiro o progresso espiritual: obtido ele, o resto nos será dado em excesso. Ora, a minha tese, é que o progresso moral de um povo está dependente do seu progresso económico. Ainda aqui a sua ordem é invertida pelos factos. Cada estado de economia determina os limites da moral pública; quer dizer: os limites entre os quais poderá ser a prègação verdadeiramente operosa. Como sabe, a quantidade

máxima de açúcar solúvel em uma dada porção de água aumenta com a temperatura. Nesta minha comparação, o açúcar é a moral, e a temperatura, o estado económico: há para cada grau de temperatura social-económica um certo grau de saturação moral, que só poderá ser excedido pelo prévio levantamento do estado crematístico... Já pensou, Pascoais, no que seria o seu espírito se tivesse nascido na miséria e sido obrigado de criança a trabalhar espasmódicamente? A estatística é uma invenção de Satanaz; e tão satânica, que revelou uma relação de dependência entre a moralidade feminina e o preço do trigo: nos anos em que sobe a economia, diminui a prostituição. Para que a moral vá ganhando as mais baixas camadas da sociedade, cumpre que as condições económicas vão permitindo esse resultado. Cada melhoria no material da grande massa da população é uma base para o desenvolvimento da sua vida espiritual; por isso, as virtudes democráticas florescem sobre um desafoço suficientemente generalizado, sobre a distribuição equilibrada da riqueza. Os alicerces da democracia política são abertos na economia: a humanidade ergue os seus templos, como os Gregos, no alto da dura solidez dos promontórios de granito». Este trecho dará ideia do espírito de reformação *concreta*, de idealismo *positivo*, que António Sérgio opunha então, como opôs sempre, ao revolucionismo *abstracto* e ao pseudo-idealismo retórico da grande maioria dos seus compatriotas.

Escrevi ao Director do jornal a seguinte explicação:

No seu *Consultório* de hoje vem uma resposta sobre casos antigos passados na *Renascença Portuguesa* que me obriga a enviar-lhe alguns esclarecimentos em desacordo da explicação dada não sei por quem.

Desconheço o protesto de António Sérgio e Raúl Proença, que fatalmente devia ter passado pelas minhas mãos, e posso afirmar que nenhum dos dois se desligou da sociedade.

Em 1912, António Sérgio deu à *Renascença* a seguinte colaboração: Artigo no n.º 1 da 'A Águia', 2.ª série, sobre a «Ideação de Oliveira Martins»; e artigo no n.º 4 da 'Vida Portuguesa' — «Variações do Amigo Banana sobre Inquisição e Humanismo». Em 1913, continuou António Sérgio colaborando em prosa e verso. Três artigos na 'Vida Portuguesa': «Sobre o Bacharel e suas causas», «Golpes de malho em ferro frio» e «O parasitismo peninsular»; e três composições poéticas nos ns. 13, 15 e 16, só começando a discussão do «Saudosismo» no n.º 22 com as «Epístolas aos Saudosistas», ainda em 1913. António Sérgio discordou de Teixeira de Pascoais e com ele discutiu largamente, mas não fez protesto algum contra a *Renascença*, que não era deste ou daquele, nem se desligou da Sociedade.

Raúl Proença colaborou pouco, porque os seus múltiplos afazeres lhe não permitiam aceder aos pedidos que eu lhe fazia, mas não entrou sequer na discussão do Saudosismo. A sua colaboração nos dois primeiros volumes d'«A Águia», 2.ª série, foi apenas a seguinte: «A situação política» no n.º 2; «Diferenciação e Progresso» no n.º 3 e «Carta a um Amigo do Brasil», no n.º 19. Os dois primeiros artigos, publicados evidentemente depois de Teixeira de Pascoais ter escrito a sua interpretação de Saudade e Saudosismo, não revelam o menor protesto. A Carta sobre um artigo de José Veríssimo é um libelo tremendo contra o imprudente crítico que o amigo de Raúl Proença classificou de «republicano independente e desa-

paixonado», sem dúvida para sugerir que o artigo por ele escrito era sereno e insuspeito. E nunca se desligou da Sociedade.

'A Águia' e a *Renascença Portuguesa* deram sempre muito que falar e sobre elas se têm escrito ultimamente fantasias variadas. Não posso, agora que estou em vésperas de embarque, trazer a público a correspondência do tempo, que, melhor do que as minhas palavras, tudo elucidaria.

Mas, não perdem os confusionistas com a demora. No próximo ano, iniciarei a publicação dos documentos em meu poder, alguns sensacionais, que porão a claro todo o movimento em que me vi envolvido, de 1907 a 1936.

A *Renascença* teve um plano firme de Cultura, inteiramente à margem de escolas ou facções. Deturparam esse plano, logo que dentro dela surgiram, em 1921, as competições de mando, as rivalidades e a febre do poder, mas não é admissível que se queiram baralhar factos e datas só para amesquinhar uma organização literária, que ainda não foi excedida por qualquer outra da mesma espécie.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1936.

O jornal em questão comentou minhas razões da forma que segue:

N. da R. — Não percebemos a preocupação que revela esta carta, pois nada dissemos em desabono da «Renascença Portuguesa», cujo esforço reconhecemos e admiramos. Admitimos que tudo que nos assevera o signatário da carta acerca da história da «Renascença Portuguesa» é perfeitamente exacto: simplesmente, nós não tínhamos de dar pormenores a respeito de tal assunto, porque não nos haviam consultado sobre a história da «Renascença Portuguesa», mas sim sobre o significado intelectual da polémica Sérgio-Pascoais. Engana-se o Sr. Álvaro Pinto se supõe que nós quisemos dar a entender que o protesto de Sérgio e de Proença foi feito contra a «Renascença Portuguesa», ou que assumiu qualquer carácter espectacular, violento, público, escrito, duradoiro e oficial. Se estamos bem informados, eles só reclamaram particularmente, junto de alguns amigos e camaradas da «Renascença Portuguesa», muitíssimo à boa paz, e não de-certo contra a «Renascença», mas tão só contra o facto de se apresentar o «saudosismo» como doutrina de todo o grupo, — pois isso equivaleria a excluí-los a eles, que não eram «saudosistas».

Esse pacífico e amigável protesto não poderia impedi-los de vir a dar artigos para a 'Vida Portuguesa' e para 'A Águia', a não ser na hipótese de o próprio grupo haver oficialmente decidido que o «saudosismo» seria, com efeito, a sua doutrina oficial, e que só poderiam colaborar naqueles periódicos os aderentes do «saudosismo»: ora, não só tal hipótese se não deu, senão que vários membros fundadores da «Renascença Portuguesa» lhes asseguraram que não consideravam o «saudosismo» como doutrina do grupo, e que lhes reconheciam aos dois o direito de manifestar na revista o seu desacordo no que respeitava ao «saudosismo». Raúl Proença não veio a usar de tal direito; António Sérgio, pelo contrário, veio a usar dele em 1913. O mal-entendido dissipou-se, por consequência, muito amigavelmente entre bons amigos, sem nenhuma espécie de tragédia, e durou quase l'espace d'un matin.

Parece-nos, pois, que as afirmações do Sr. Álvaro Pinto não contrariam sensivelmente aquelas que nós fizemos. Aliás, repetimos que o nosso assinante nos consultou acerca do significado intelectual da polémica Sér-

gio-Pascoais, e não acerca da história (anterior e posterior à polémica) da «Renascença Portuguesa», sobre a qual nos não competia dar pormenores. O significado intelectual da polémica seria o mesmo, ainda que não existisse a «Renascença Portuguesa», e o ter-se dado tal polémica no seio da «Renascença» foi uma circunstância accidental, que não tira nem põe à essência da questão. Se todavia (e apesar de não vir a propósito) desejam que digamos que a «Renascença» foi uma obra admirável — com muito prazer o proclamaremos.

Também foi conveniente esclarecer o assunto.

Na resposta a J. S. dizia-se: «Raúl Proença e António Sérgio protestaram imediatamente e os dois afastaram-se com efeito, da sociedade».

Afirmei que não tinha havido tal protesto e que nenhum dos dois se tinha separado da sociedade.

E logo veio a N. da R. ratificar que, na verdade, não tinha havido protesto escrito ou duradouro e que os próprios fundadores da «Renascença» tinham asseverado aos dois divergentes que o «saudosismo» não era doutrina do grupo.

As minhas afirmações contrariaram bastante as que o jornal tinha feito.



Vejamos ainda outra explicação errada expressa numa «História de Portugal» para depois apresentar os documentos relativos a um plágio que muito deve elucidar certas acusações feitas à «Renascença».

ÁLVARO PINTO



Portugal, mais que a Pátria ancestral da minha Pátria, foi, pelo critério do seu espírito de colonização, o iluminado preparador da verdadeira fraternidade étnica do Mundo. Seu génio parece ter compreendido o drama dos povos que sua bravura subjugava. E longe de escravizar o vencido, sentindo nele um irmão, nele transfundia sua alma. Seus triunfos não tinham o aspecto da conquista, mas do abraço nupcial engendrando a força assimiladora de todas as etnias.

Nesta faixa do continente, onde acampou a esperança do Mundo, sob as bênçãos do Cruzeiro vivem irmanadas criaturas de todos os climas. Ninguém pergunta o porto de origem ao emigrado. Nenhuma porta se fecha à ânsia de trabalho que vem de longe. A côr da pele não é um estigma. O balbucio inicial do idioma exótico não é um aviltamento. Sob o céu, que é uma bênção, a força milagrosa da fraternidade harmoniza os antagonismos de tais criaturas. Parece que um Deus providente funde essas almas numa só alma... Qual o mistério dessa força? Quem deixou nas raízes da Raça senhora da Terra esse amor que destrói os preconceitos, desarma as esquivaças, macera os tipos humanos díspares na nova Raça que terá nas mãos os destinos do Universo? Perguntai-o a Portugal. Sua alma aqui ficou, àlerta como um destino, criando a mais soberba das formas que regem um aglomerado de criaturas: a fraternidade humana. O Mundo deve a Portugal o novo sentido étnico do Mundo. Que os fados bemdigam a gente portuguesa. — S. Paulo — *Menotti del Picchia.*